



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço  
oferecido pelo Presidente da Colômbia, Álvaro Uribe**

**Bogotá-Colômbia, 14 de dezembro de 2005**

Excelentíssimo senhor Álvaro Uribe, presidente da República da Colômbia,

Senhor Julio Galhardo, presidente da Câmara de Representantes,

Senhores presidentes das Altas Cortes da Colômbia,

Senhora Carolina Barco, ministra das Relações Exteriores da República da Colômbia,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das Relações Exteriores,

Senhoras e senhores ministros de estado da Colômbia e do Brasil,

Senhor embaixador Mário Galofre, embaixador da Colômbia em Brasília,

Senhor embaixador Júlio César Gomes dos Santos, embaixador do Brasil em Bogotá,

Senhores embaixadores dos países da América do Sul,

Senhores embaixadores em Bogotá dos países da Comunidade Andina,

Senhoras e senhores integrantes da comitiva da Colômbia e do Brasil,

Meu caro, permita-me chamá-lo, Luis Eduardo Garzón, prefeito de Bogotá,

Meus amigos e minhas amigas,

É com grande alegria que retorno à Colômbia. Aqui sou recebido com o carinho natural dos povos que ousam conhecer-se melhor e a compartilhar



uma mesma visão.

Nos encontros que mantive com o presidente Uribe, nos comprometemos a desenvolver uma relação política, comercial e cultural à altura de nossos países e das expectativas de nossas sociedades.

Esta é minha terceira visita à Colômbia como Presidente da República. Tive a satisfação de receber Vossa Excelência igual número de vezes no Brasil.

Nossos países não estão mais de costas um para o outro. Estamos voltados para um futuro comum, olhando para um horizonte mais real e próximo de realizações.

Meu caro presidente Uribe,

Colômbia e Brasil compartilham valores e aspirações que nos aproximam. Almejamos um mundo multipolar, livre das ameaças do terrorismo, que condenamos enfaticamente, e dos flagelos da guerra. Lutamos por uma ordem internacional sem assimetrias e solidária na busca da prosperidade coletiva e da dignidade individual.

Na América do Sul, esses princípios se traduzem na determinação de unir esforços para erradicar a pobreza e as injustiças que condenaram, por tanto tempo, nossos países ao atraso.

Aos esquecidos e marginalizados, devemos oferecer nosso compromisso com políticas de inclusão social. Aos que se sentem tentados a recorrer às armas para expressar sua frustração e desesperança, devemos responder com mais democracia, mais participação e mais justiça social.

A sociedade colombiana tem sabido enfrentar, de forma equilibrada, o desafio de fazer a democracia prevalecer sobre a intolerância e a violência irracional. Partilhamos a determinação de Vossa Excelência de lutar contra soluções autoritárias que se alimentam do temor, do ódio e do preconceito. O Brasil, assim como a Colômbia, condena toda forma de abuso da força, que ignora os direitos humanos e atinge, sobretudo, os vulneráveis e inocentes.



Reafirmo: sempre que solicitados pelo governo colombiano, estaremos prontos a nos associar a iniciativas voltadas para restaurar a convivência entre todos os colombianos. Estamos analisando como melhor colaborar com a missão da OEA de apoio ao processo de paz e a outras iniciativas que surjam. Com o mesmo objetivo, o governo brasileiro tem se empenhado para assegurar que nossa fronteira comum não seja santuário nem conduto para ações ilícitas. Em nosso continente, não daremos espaço para o recurso gratuito à força nem para a ação impune de redes criminosas.

Senhor Presidente,

Colômbia e Brasil são países mega-diversos, que têm a responsabilidade de unir esforços para melhor conhecer, proteger e desenvolver nosso patrimônio amazônico. É combatendo os males da pobreza, do analfabetismo e das epidemias que poderemos conter o avanço da degradação ambiental, do narcotráfico e da violência urbana.

Nossas Forças Armadas estão na vanguarda desse esforço, realizando operações conjuntas de combate ao crime organizado transnacional. Com o auxílio do SIVAM, a Operação Cobra resguarda nossas fronteiras, com vigor e inteligência. Foi com igual determinação que criamos a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica.

Em sintonia com nossos vizinhos, vamos transformar nossa vasta fronteira em um espaço de cooperação e desenvolvimento integrado. Foi dentro desse espírito que realizamos valiosa experiência de coordenação de alto nível, neste ano, com a participação da Venezuela. Podemos e devemos repetir esse exercício trilateral, a fim de buscar respostas a nossos desafios comuns.

Meu caro presidente Uribe,

Colômbia e Brasil nunca estiveram tão irmanados. As relações econômicas e comerciais se intensificam. Os projetos de integração começam a materializar-se. Estamos engajados em fortalecer a cooperação em setores



estratégicos, como o aeronáutico e de energia. Saudamos, neste particular, o aparelhamento da Força Aérea Colombiana com aeronaves brasileiras Super-Tucano.

Apostamos, também, no enorme potencial da associação entre a Petrobras e a Ecopetrol nas áreas de exploração de petróleo e gás, e na distribuição de seus derivados. Os combustíveis renováveis oferecem oportunidade única para transformamos nossa riqueza natural em fonte de energia sustentável e modelo de sinergia entre países amazônicos.

Na área econômica, nossos países estão colhendo os frutos de políticas consistentes e responsáveis. O crescimento econômico, o saneamento das contas públicas, a melhoria do marco regulatório e a redução da vulnerabilidade externa nos permitirão ampliar, ainda mais, nossas parcerias. Os resultados já são visíveis na retomada de nosso intercâmbio bilateral, que superou um bilhão de dólares em 2004. Respondemos, assim, àqueles que consideravam que nossas economias não eram complementares.

Agora que ratificamos o Acordo CAN-Mercosul, podemos superar em muito esta marca. Estamos empenhados em que o crescimento das trocas se dê de forma equilibrada e vantajosa para ambos os lados. A Rodada de Negócios Brasil-Colômbia realizada em junho passado, em Bogotá, com a participação do ministro Celso Amorim, confirmou nossas melhores expectativas. Crescem os investimentos brasileiros na Colômbia, reflexo de sua posição estratégica no projeto de integração sul-americana e da porta privilegiada que oferece para a aproximação com a América Central e o Caribe.

Por essas razões, o Brasil deseja engajar-se na implementação de importantes projetos de infra-estrutura física no país. Estamos estudando a contribuição do Brasil e de suas empresas para viabilizar projetos prioritários.

Senhor Presidente,

Estas iniciativas bilaterais reforçam a Comunidade Sul-Americana de



Nações que estamos construindo. Esta é a melhor resposta que podemos dar ao desafio da globalização. O convite inédito de Vossa Excelência, para que participasse da Cúpula da Comunidade Andina, em Antióquia, em 2003, confirmou essa visão que nos inspira.

Vejo, com satisfação, que a Colômbia olha para o nosso continente com otimismo e confiança em seu futuro comum. Somos inspirados a seguir o caminho que foi aberto por nossos próceres. Eles conquistaram a autodeterminação pela união de esforços, juntaram forças para construir uma nova pátria americana. A batalha de Boyacá é um marco decisivo nesse processo. Culminou uma longa luta, decidida pela tenacidade, coragem e confiança de homens e mulheres que acreditavam num ideal maior. A visão de um continente forjado por vários valores e realizações comuns permanece. Cumpre-nos completar a obra iniciada por heróis a quem não faltou visão, nem coragem.

É com esse espírito, que agradeço, de todo coração, a honrosa distinção da “Ordem de Boyacá”. Ela representa os ideais mais caros da luta de nossos povos pela liberdade política e pela solidariedade continental. E, hoje, simboliza os sentimentos mais sagrados que inspiram uma amizade indissolúvel, entre colombianos e brasileiros.

Meu caro presidente Uribe,

Eu queria, antes de deixar este Palácio, e prosseguir na minha visita à Colômbia, dizer ao presidente Uribe, dizer primeiro ao Prefeito de Bogotá, aos ministros, embaixadores e dirigentes da Colômbia, a única possibilidade que temos de consolidar a integração da América do Sul. Primeiro, temos que acreditar na democracia como o único instrumento capaz de permitir que avancemos a democracia, a relação internacional na diversidade, sem hegemonias de um país sobre o outro, independentemente do tamanho, da grandeza da sua indústria ou do tamanho do seu PIB. A palavra hegemonia



tem que ser abolida e colocar no seu lugar a palavra parceria.

Segundo, há muitos séculos não faltaram líderes em nosso Continente, que falassem em integração. No século XXI, muitos dirigentes, dos quais Vossa Excelência faz parte, descobriram que a palavra integração, ela tem que combinar a sua força teórica com a sua força prática.

A integração política não será resolvida se não tivermos integração cultural e não será resolvida se não tivermos a integração comercial, mas nada disso será resolvido se não tivermos a integração política do nosso Continente, com rodovias, ferrovias, hidrovias, telecomunicações, energia, porque é isso que pode permitir o trânsito do que produzimos. É isso que pode fazer com que a nossa gente possa, livremente, não ser dividida por fronteiras, viver como se estivesse num único Continente, onde o único obstáculo e o único objetivo são vencer a pobreza e ganhar a cidadania para os mais de 350 milhões de (inaudível).

Eu estou convencido, presidente Uribe, de que o seu mandato termina no próximo ano, o meu termina no próximo ano, e o de outros vários presidentes. Muitas vezes, como eu, o presidente Uribe deve chegar de uma reunião cansativa, depois de ouvir muitos discursos e, muitas vezes, se perguntar: valeu a pena? Quantas horas de vôo, quantas horas de discursos, e eu volto ao meu país e não levo nada de novo. Esse desespero, certamente, já tomou conta de cada um de nós que passamos pela Presidência de um país.

E eu queria lhe dizer, presidente Uribe, de que certamente nós não conquistamos tudo o que precisamos conquistar, não fizemos ainda tudo o que precisamos fazer, mas se nós analisarmos, ao longo da história da América do Sul, nós vamos perceber que avançamos, em poucos anos, aquilo que poderia ter sido avançado há 20 ou 30 anos atrás. Avançamos muito. Criamos novos conselhos; criamos uma relação de integração que permitiu à Colômbia não ter mais medo do Brasil, e que o Brasil não tenha mais medo da Colômbia; que permitiu com que Argentina e Brasil não se vissem como adversários, mas se



vissem como parceiros; que permitiu a compreensão de que a América do Sul só será justamente desenvolvida, socialmente justa, quando os países mais ricos ajudarem os países mais pobres.

É por isso que eu sou um inveterado otimista, muito otimista. Eu, cada vez que participo de uma reunião, eu estou convencido que nós produzimos um passo a mais. Não temos mais vergonha de dizer que somos da América do Sul. Não temos mais vergonha de dizer que somos de países emergentes. Não temos mais vergonha de dizer que temos condições de competir comercialmente com os países mais ricos.

E hoje, orgulhosamente, eu posso dizer ao presidente Uribe que, em pouco tempo, nós conseguimos fazer com que a América do Sul fosse a maior força da balança comercial brasileira, na frente dos Estados Unidos e também da União Européia, porque nós acreditamos em nós. Acreditamos, e acreditamos que a política de comércio exterior tem que ser mais justa.

O Brasil não pode ter um superávit de 900 milhões de dólares na Colômbia, o Brasil não pode ter superávit de 1 bilhão e meio de dólares na Venezuela. Então, temos que equilibrar porque todos nós precisamos vender e todos nós precisamos comprar.

Esse equilíbrio é que vai permitir que a gente possa ter forças para que nossas economias cresçam, e para que a gente possa, nas negociações com os países mais ricos, ter uma conquista para garantir que os países emergentes aproveitem o século XXI para fazer o que a Europa fez no século XIX, os Estados Unidos no século XX, se nós não acreditarmos que o século XXI será o século da América do Sul e da América Latina, será o século da África, se nós não acreditarmos, se ficarmos achando que um belo dia vai aparecer o presidente de um país, nos oferecendo todas as vantagens do mundo, sem que a gente decida, estrategicamente, o que nós queremos para o nosso país daqui a 10 ou 20 anos, nós correremos o risco de passar mais um



século sendo a esperança da humanidade, sendo país emergente e sendo uma grande maioria de gente pobre.

Eu, quando sair da Colômbia, hoje, saio convencido de que demos mais um passo, mas um passo importante, para dizer alto e firme, se nós consolidarmos a nossa integração, independentemente de quem venha depois de nós ou de quem venha daqui a 15 ou 20 anos, se o processo estiver consolidado, a América do Sul caminhará para frente. Se não consolidarmos isso, e elegermos dirigentes que não pensam além do seu umbigo, e comecem a ver nos seus vizinhos os piores inimigos, nós repassaremos mais uma geração de desenvolvimento no nosso continente.

Por isso, presidente Uribe e companheiros, eu queria que levantassem a taça para um brinde ao presidente Uribe que, todas as vezes em que participou de uma reunião da qual eu participei, teve a integração como uma força motora para tocar as suas idéias.

Meus parabéns, Presidente.